

# Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões - para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados *on-line* e transmitidos pelo *youtube*. Os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou afins.

Neste volume, Peter Haysom-Rodriguez lê *Mundo*, de Ana Luísa Amaral, a partir de uma perspectiva *queer* - ou melhor: *queerente* -, encontrando nesta poesia uma forma subtil de esperança e optimismo (mas salvaguardada por um trabalho da ironia e da incompletude), o projecto de reinvenção de um mundo justo, aberto a uma multiplicidade de formas, vivências, linguagens; Lúcia Evangelista parte de algumas perguntas radicais - *vale a pena salvar o mundo? e qual mundo exactamente?* - para mostrar como a literatura e a filosofia, de Alberto Pimenta a Ailton Krenak, questionam e denunciam a nossa civilização extrativista, consumista, reificadora, e propondo uma solução que alia uma política da resistência a uma arte da delicadeza; por fim, Fernando Velasco, em clave nietzschiana, desvenda sob o imaginário da salvação formas contemporâneas de niilismo e ressentimento, às quais se pode opor o modelo do eterno retorno, a exigente reinvenção de todos os valores, e - numa leitura de Herberto Helder - a experiência de *procurar Singapura*, ou seja, a experiência extrema da comoção e da esperança.

Pedro Eiras